

Teorias semânticas: um ponto de partida para a análise da charge **Rio 2016**

Semantic theories: a starting point for the analysis of the Rio 2016 cartoon

Hejaine de Oliveira Fonseca *

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise da Charge Rio 2016, tendo como ponto de partida a Teoria Semântica (LYONS, 1977). Dentro desse universo teórico, enfocamos aspectos da semântica referencial e da semântica da enunciação, como as relações entre sentido, referente, referência e nome próprio; entre sentido do falante (intenção) e sentido da sentença (convenção); e entre pressuposto, posto e subentendido. Acreditamos que as discussões desses conceitos teóricos contribuem para uma maior compreensão do funcionamento linguístico e do uso da linguagem.

Palavras-chave: Teoria Semântica; Semântica Referencial; Semântica da Enunciação.

Introdução

A teoria semântica aborda conceitos que permitem compreender melhor o funcionamento linguístico e o uso da linguagem, daí sua importância para se entender como ocorre o processo de leitura. A leitura se configura como uma atividade complexa, sendo o fracasso dos estudantes na sua realização uma prova disso, o que, na maioria das vezes, está relacionado à falta de conhecimento das estratégias que envolvem o ato de ler.

O processo de leitura exige do leitor o desenvolvimento de vários conhecimentos, entre eles, o conhecimento linguístico (dimensões lexical e

* Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC/Minas.

gramatical), o conhecimento de mundo e a interação leitor-texto (MARI; MENDES, 2005). Isso significa que, para a produção de sentido de um texto, é preciso compreender, também, os aspectos da enunciação (condições sociais e históricas) que possibilitam estabelecer relações entre o texto e a realidade. Além disso, para uma leitura bem sucedida, o leitor precisa estar apto a compreender que o texto pode apresentar várias possibilidades de leitura, bem como vários efeitos de sentido que somente um leitor competente poderá perceber.

Com base nessas questões, apresentamos, neste trabalho, alguns pressupostos teóricos abordados pelas teorias semânticas (LYONS, 1977; JACKENDOFF, 1983; KATZ, 1977), enfocando aspectos da semântica referencial, como as relações entre sentido, referente, referência e nome próprio (LYONS, 1977; MARI, 2003); da semântica da enunciação, como as relações entre sentido do falante (intenção) e sentido da sentença (convenção) (MARI, 2005; MARI; MENDES, 2005; 2007); e as relações entre pressuposto, posto e subentendido (DUCROT, 1987).

A partir de uma análise da charge **Rio 2016** (Anexo I), buscamos aplicar as categorias apresentadas, explicitando-as por meio da exploração dos recursos utilizados no texto. Mari (2003) pontua que a teoria da referência se constitui como um importante instrumento para determinar como podemos organizar nossa experiência com a realidade por meio da linguagem. Compactuando com esse autor, entendemos que, por meio da linguagem utilizada no texto, podemos relacioná-lo com a realidade para produzir o sentido no processo de leitura. Assim, começaremos por abordar os aspectos que envolvem a relação entre referência e sentido.

A referência compreende o processo em que expressões são utilizadas para remeter ao referente. Conforme Lyons (1977, p. 145), a referência diz respeito à “relação existente entre uma expressão e aquilo que designa ou representa em ocasiões particulares da sua enunciação”. Dessa forma, a referência será bem sucedida se o interlocutor conseguir identificar o referente por meio da expressão referencial.

Para Mari (2003, p. 98), “o referente é um objeto – ou uma classe de objetos – que pode ser isolado de um domínio mais ou menos específico, a partir de uma asserção descritiva ou de um nome próprio”. De acordo com esse conceito, a expressão linguística “cadeira de balanço” aponta um referente, uma vez que podemos isolar esse objeto no domínio assentos. Da mesma forma, um nome próprio, como João, isola um referente, uma vez que podemos indicar pelo menos um objeto singular no domínio pessoas, através desse nome.

O sentido é o modo de apresentação (ou de percepção) dos referentes, realizado por meio da asserção de suas características descritivas ou funcionais. O sentido de um referente é, pois, a forma que temos para expressar o que conhecemos sobre ele, quando o apresentamos, ou quando o percebemos (MARI, 2003, p. 103-104).

Baseando-nos nessas definições, o sentido compreende dois aspectos importantes: o modo de apresentação e o modo de percepção do objeto. Se tomarmos como exemplo o objeto “saca-rolhas” podemos dizer que a sua apresentação compreende as características funcionais (sacar-rolhas), enquanto o modo de percepção compreende as características descritivas (metal, boa qualidade, caro etc.). Desse modo, o objeto “saca-rolhas” é o referente e as formas possíveis de sua apresentação (metal, boa qualidade, caro, etc.) constituem o sentido.

Nas palavras de Mari (2003), a referência se dá por meio das relações entre linguagem e realidade, o que implica em uma integração entre sentido e referente. Entretanto, para garantirmos a referência, podemos recorrer a outros recursos, como pronomes demonstrativos, dêiticos, descrições definidas e nomes próprios, nomes comuns, entre outros.

Análise da charge Rio 2016

A referência da charge **Rio 2016** é histórica, pois remete a um momento futuro: as Olimpíadas que acontecerão no Brasil em 2016. O autor aproveita esse momento para fazer uma crítica à violência existente no Rio de Janeiro.

A expressão linguística **Rio 2016** remete às Olimpíadas, que se constitui como um objeto que pode ser isolado no domínio eventos esportivos. Além disso, observamos que essa expressão é também composta por uma descrição temporal, que faz referência ao ano (2016) em que as Olimpíadas irão ocorrer.

A relação referente-sentido se estabelece por meio do nome próprio “Rio” e do advérbio de tempo “2016”, que o especifica e faz referência a um contexto futuro. Outras expressões adverbiais como “rumo a 2016” e “na hora de”, bem como, o recurso visual (cartaz que ilustra o evento, afixado na parede) também contribuem para a identificação do referente (Olimpíadas) e do contexto histórico (evento a ocorrer no futuro).

O termo “gringos” reporta a um objeto que pode ser isolado no domínio turistas estrangeiros, que indica uma subclasse no domínio turistas, uma vez que o termo “gringos” não pode ser aplicado a qualquer turista, mas somente ao turista estrangeiro. Os referentes acima puderam ser identificados por meio dos nomes próprios ou das expressões descritivas, o que evidencia que nem sempre o referente está explícito no texto, mas pode ser identificado por meio da relação entre linguagem e realidade. Conforme Mari (1998), o sentido pode ser usado para criar um mundo possível por meio das relações que estabelecemos entre o texto e as nossas experiências do mundo real. Dessa forma, alguns referentes podem ser identificados a partir do uso de enunciados e de suas relações com os mundos possíveis, como demonstramos a seguir.

Mundos possíveis

Na charge em questão, observamos que os enunciados reportam a quatro mundos possíveis (referentes): a sala de aula, a favela, o crime organizado e a violência. A sala de aula se constitui como um referente, uma vez que ela estabelece uma relação com um mundo possível. A realidade foi retratada na charge por meio dos recursos visuais que permitem perceber que os objetos (quadro e carteiras) estão organizados como em uma sala de aula. Há a presença de um professor, representado pelo chefe do grupo, e dos alunos, representados pelos membros do grupo. O autor faz referência a um evento de ensino (aula de inglês), que, nessa situação de enunciação, assume sentido depreciativo: aprender inglês para praticar assaltos.

Identificamos também como referente a favela. O espaço físico do texto é retratado como um barraco de favela para fazer referência às favelas do Rio de Janeiro. O crime organizado também se constitui como um referente, já que o autor se reporta a um tipo de crime que é caracterizado pela organização dos seus praticantes. Essa organização é percebida pela presença do chefe do crime (professor), que prepara os demais membros (alunos) para os assaltos que ocorrerão nas Olimpíadas de 2016. Os recursos visuais também auxiliam na referência ao crime, visto que ressaltam as expressões de maldade dos personagens e a presença de armas (revólveres e facas).

A violência também se constitui como referente, uma vez que os recursos visuais identificam os bandidos, as armas (revólveres e facas) e os aspectos linguísticos como o uso do verbo “assaltá” e as frases do quadro “guive de mony, boi!” (Passe o dinheiro, garoto!), “lu lost praybói!” (Você perdeu garoto!) e “Xerap, gue!” (Cale a boca, garota!) remetem ao contexto social (violência) do Rio de Janeiro.

Discussão

Como pudemos perceber, as condições de significação (recursos visuais e linguísticos) e as condições de referenciação (referência aos mundos possíveis) possibilitaram estabelecer uma relação entre o texto e os fatos da realidade. Segundo Oliveira (2001, p. 266),

(...) o chargista, ao carregar na linguagem iconográfica, pretende levar o interlocutor de seu texto à reflexão de momentos históricos da comunidade em que ambos – artista e leitor – estão inseridos. Os textos chargísticos constituem, por isso, um vasto material de memória social, sem a qual não poderia existir a História, que só se constitui pelo discurso.

No caso das charges, os recursos linguísticos associados às imagens contribuem para a produção de sentido de humor para fazer uma crítica a eventos sociais do dia a dia. As imagens utilizadas ali retratam um contexto histórico, levando o leitor a refletir sobre o que pode acontecer nas Olimpíadas de 2016.

Considerando, mais especificamente, as condições de enunciação, salientamos a importância dos aspectos convencionais e intencionais observados na charge. Segundo Mari e Mendes (2005), os aspectos convencionais estão mais relacionados às condições de significação, ou seja, às relações lexicais, gramaticais e sintagmáticas da língua, enquanto que os aspectos intencionais relacionam-se aos efeitos de sentido que dependem da atividade cognitiva do leitor.

Convencional e intencional

A respeito da intencionalidade, Mari e Mendes (2007, p. 33) pontuam que,

(...) quando se define intencionalidade, o seu atributo fundamental é ter ela o valor de uma direcionalidade que se faz presente em nossos

estados mentais e que serve para orientar algum aspecto particular da compreensão dos objetos, dos fatos, das situações. Assim, intencionalidade tem a função primordial de orientar a percepção das coisas do mundo, a partir de um ponto de vista singular, aquele que um sujeito constrói e que serve para caracterizar um modo especial de se apropriar das coisas.

Percebemos, então, que a intencionalidade presente na charge **Rio 2016** torna-se responsável por quebrar as relações convencionais, contribuindo para a produção de sentido na atividade de leitura. Por exemplo, a expressão “aprendê ingrés pra fazê bunito” apresenta como sentido convencional os significados comunicar, interagir, isto é, apresenta um sentido convencional positivo. Aqui, aprender inglês significa se comunicar bem, interagir com os estrangeiros nas Olimpíadas de 2016, o que remete à ideia de inclusão social.

Entretanto, percebemos que essa expressão apresenta também o significado “realizar os assaltos com êxito”, cujo sentido é pejorativo, uma vez que remete à ideia de algo depreciativo, de um desvio da conduta social. Dessa forma, o autor utiliza o recurso da polissemia, provocando um efeito de sentido intencional (ironia) para fazer uma crítica às ações (assaltos) dos bandidos do Rio de Janeiro. Observamos que houve aqui uma quebra do sentido convencional para possibilitar uma segunda leitura do texto.

Outro recurso utilizado pelo autor para estabelecer uma relação entre convenção e intenção refere-se ao léxico. Percebemos que o autor utilizou a quebra da convenção lexical padrão para produzir um efeito de sentido. Por exemplo, os erros ortográficos nas palavras e frases (“Curço de Ingrêis”, “ordi”, “aprendê ingrés”, “fazê bunito”, “assaltá”) demonstram a intenção do autor de estabelecer uma relação entre a norma culta da língua e o modo linguístico coloquial utilizado por uma determinada comunidade (bandidos do Rio). Considerando a situação de enunciação, percebemos que esse recurso provoca o efeito de sentido ironia, uma vez que aponta a falta de domínio dos personagens em relação à norma culta da língua portuguesa para fazer uma crítica à educação.

Já as frases escritas no quadro (“guive de mony, bóí!, lu lost praybói!” e “Xerap, guell!”) estabelecem uma relação entre a língua inglesa escrita e a língua inglesa falada. Aqui, a quebra da convenção lexical garante à charge o

efeito de sentido humor, já que pressupõe falta de domínio do código escrito da língua inglesa, pois a escrita correta seria: “Give the Money, boy!”, “You lost playboy!”, “Shut up, girl!”.

A quebra da convenção lexical também evidencia a falta de domínio da fonética da língua inglesa, já que a pronúncia correta do termo “praybói” (playboy) é /pleiboi/ e não /preiboi/ como foi utilizado na charge. Percebemos, portanto, que os enunciadores (bandidos) apresentam um conhecimento superficial da língua inglesa, o que pode estar relacionado à grande concentração de turistas estrangeiros no Rio de Janeiro, o que pode possibilitar um maior contato dos personagens com esse idioma (modalidade oral). Esse fato é evidenciado pela referência que o autor faz ao turista estrangeiro por meio do termo gringos.

Observamos ainda que podemos estabelecer uma relação entre a fonética das línguas inglesa e portuguesa mediante a prosódia na troca do L pelo R, como em “praybói” e “Ingrêis”. Aqui, o autor utiliza a quebra das convenções lexicais para estabelecer uma relação entre o texto e a realidade, visto que esse aspecto evidencia que os enunciadores não têm acesso ao conhecimento formal dos dois idiomas (português e inglês), revelando a exclusão dessas pessoas do sistema de educação.

Posto, pressuposto e subentendido

Outro aspecto relacionado à semântica da enunciação refere-se a posto, pressuposto e subentendido. De acordo com Ducrot (1987, p. 20),

(...) se o posto é o que afirmo, enquanto locutor, se o subentendido é o que deixo meu ouvinte concluir, o pressuposto é o que apresento como pertencendo ao domínio comum das duas personagens do diálogo, como objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato de comunicação. Em relação ao sistema dos pronomes poder-se-ia dizer que o pressuposto é apresentado como pertencendo ao “nós”, enquanto o posto é reivindicado pelo “eu”, e o subentendido é repassado ao “tu”.

Baseando-nos nessa citação, entendemos que o posto está explícito no enunciado, o pressuposto pode ou não estar explícito, mas é facilmente identificado, uma vez que está ligado ao enunciado por meio dos fenômenos sintáticos e linguísticos. O subentendido, por sua vez, não está presente no enunciado. Ele ocorre em um momento posterior e depende da interpretação do alocutário. Podemos dizer, então, que o subentendido refere-se à intenção, ao querer dizer.

Aplicando esses conceitos à nossa análise, podemos afirmar que o posto refere-se ao diálogo entre o chefe do crime organizado e os membros participantes do grupo. Ou seja, podemos considerar como posto o assalto aos gringos nas Olimpíadas de 2016.

Como vimos na análise, a charge faz referência a um fato anterior ao momento da enunciação – à violência existente no Rio de Janeiro. Esse fato, que faz parte do conhecimento de mundo do autor e do leitor, é chamado de pressuposto.

Por meio do processo de referenciação, que “implica admitir a existência de vestígios textuais que podem conduzir à aplicação do texto a um fato da realidade” (MARI; MENDES, 2005, p. 169), notamos que os recursos linguísticos e visuais presentes no texto fazem referência a outros fatos sociais, como a exclusão social (não acesso à educação). Embora essas informações não estejam presentes no texto, o autor deixou marcas que possibilitaram fazer inferências, provocando efeitos de sentido como humor e ironia. Esse aspecto textual pode ser chamado de subentendido.

Considerações finais

Retomando os aspectos da teoria semântica (referencial e da enunciação) apresentados ao longo do texto (referente, sentido, referência, aspectos convencionais e intencionais, posto, pressuposto e subentendido), percebemos a importância dessas categorias para a compreensão do sentido do texto,

principalmente aqueles que estão subentendidos e dependem de um processamento mental.

As categorias mencionadas contribuem para que o leitor estabeleça relações entre os termos linguísticos e destes com a realidade, identificando o processo de referência, bem como os efeitos intencionais de sentido como a ironia e o humor, que são produzidos para criticar as mazelas da sociedade.

Em nossa análise, observamos que o autor deixou marcas na charge **Rio 2016** que possibilitam ao leitor estabelecer uma relação da linguagem com o momento histórico (Olimpíadas de 2016) e com o fato social violência. Dessa forma, percebemos que um maior conhecimento sobre semântica permite ao leitor identificar com mais facilidade as relações existentes entre linguagem e realidade.

Conforme Mari e Mendes (2005), a leitura de um texto compreende o domínio das condições de significação e das condições de referenciação. As condições de significação, que compreendem o domínio das relações lexicais e sintagmáticas do texto, possibilitam que o leitor faça a primeira leitura do texto, que está mais no nível de significação convencional. Já as condições de referenciação possibilitam uma leitura mais elaborada. Aqui, o leitor poderá relacionar o texto a fatos da realidade para perceber os efeitos de sentido intencionais como a ironia e o humor, que se estabelecem por meio da quebra das convenções lexicais e sintagmáticas do texto, como vimos nas análises.

Entretanto, sabemos que nem sempre o leitor consegue perceber os vários sentidos de um texto. Assim, salientamos a importância de novos trabalhos sobre a teoria semântica que enfoquem a aquisição de estratégias que contribuem para a produção de sentido na atividade de leitura e para a formação de um leitor proficiente.

Abstract

Based upon the Semantic Theory principles (LYONS, 1977) this article aims at presenting the analysis of the Rio 2016 cartoon. In this theoretical universe we focused on aspects of the referential and the enunciative semantics, such as the relations between sense, referent, reference and first name, the relation

between speaker's meaning (intentionality), sentence meaning (convention) and the relations between assumptions, implications and other aspects. It is expected that all the discussions about these theoretical concepts contribute to a better understanding of language use and functioning.

Keywords: Semantics Theory; Referential Semantics; Enunciative Semantics.

Referências

CAMALEÃO. **Charge Rio 2016**. Disponível em: <<http://blogs.abril.com.br/divadomasini/2009/10charge-rio-2016.html>>. Acesso em: 30 jan. 2010.

DUCROT, O. Pressupostos e subentendidos: a hipótese de uma semântica linguística. In: DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987. p. 13-25.

JACKENDOFF, R. **Semantics and Cognition**. Massachusetts: The MIT Press, 1983.

KATZ, J. Teoria Semântica. LOBATO, L. M. P. (Org.). **A Semântica na linguística moderna: o Léxico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977. p. 60-75.

LYONS, John. Referência, sentido e denotação. In: LYONS, John. **Semântica**. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1977. p. 145-187.

MARI, H; MENDES, Paulo H. Aguiar. Processos de Leitura: fator textual. In: MARI, H; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Ensaio sobre leitura**. Belo Horizonte: Editora Pucminas, 2005. p. 155-181.

MARI, H; MENDES, Paulo H. Aguiar. Produção do sentido e leitura: gênero e intencionalidade. In: MARI, H; WALTY, Ivete; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Ensaio sobre leitura 2**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007. p. 11-53.

MARI, Hugo. Aspectos da Teoria da Referência. **Revista de Psicologia Plural**, n. 18, p. 93-118, 2003.

OLIVEIRA, Maria Lilia Simões de. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, José Carlos de. **Letras e Comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 265-275.

ANEXO I

Charge Rio 2016

